

**AS GUERRAS PERVERSAS E AS GUERRAS SANTAS:  
A VISÃO DO ISLÃ MEDIEVAL SOBRE AS MOTIVAÇÕES  
POR TRÁS DOS CONFLITOS**

BEATRIZ BISSIO

Como o tema que nos reúne é o da **Guerra e a Paz**, nos propomos analisar como ele aparece na obra *Al Muqaddimah*, de Ibn Jaldún, que utilizamos como fonte principal na nossa pesquisa de Doutorado, na UFF. Ibn Jaldún é "um dos escassos sábios árabes que desfrutam de notoriedade universal" <sup>i</sup> e o seu livro *Al-Muqaddimah*, é considerado uma obra clássica do pensamento histórico. Foi definida como "a síntese mais compreensiva das ciências humanas realizada pelos árabes", pelo geógrafo e professor Ives Lacoste.<sup>ii</sup>

Vamos, em primeiro lugar, situar melhor o historiador muçulmano e a sua obra:

O Ocidente recebeu, na Idade Média, da civilização árabe-muçulmana, a herança cultural grega, enriquecida pelos aportes dos próprios árabes que, por sua vez, incorporaram ao seu saber avanços de outras culturas (indiana, chinesa, etc) com as quais mantinham contato. Graças a intelectuais muçulmanos e judeus - estes em geral expressando-se em língua árabe - a Europa pode ler por primeira vez a ciência e filosofia gregas. Esses intelectuais não só recuperaram o legado dos clássicos, mas aperfeiçoaram-no, introduzindo novas questões. Entre elas, "o tema, de procedência semita, árabe e judia, das relações entre fé e filosofia ou razão, entre pensamento humano e revelação".<sup>iii</sup> Desse legado cultural islâmico é filho Ibn Jaldún.

Ele nasceu em 27 de maio de 1332 em Túnis (na época, capital de Ifriqiyya) no seio de uma família árabe radicada durante séculos em Sevilha, que emigrara para o Norte da África quando *Al Andalus* foi sendo reconquistada pelos cristãos. Faleceu no Cairo, em 17 de março de 1406, pouco antes de completar 74 anos, sendo sepultado no cemitério dos sufis dessa cidade. *Al Muqaddimah* (Os Prolegômenos), a mais conhecida e representativa expressão do

seu pensamento, é a Introdução que ele escreveu para o livro "História Universal", em árabe *Kitab al-‘ibar*, que também inclui a sua Autobiografia (*al-Ta`rif bi-Ibn Jaldún*).

Na fortaleza Qalat-Ibn-Salama (na Argélia), o historiador redigiu o primeiro original do *Al-Muqaddimah* entre 1375 e 1379 e ainda haveria de corrigir o manuscrito por quatro anos. A grande pergunta que Ibn Jaldún procurou responder é como e porque surgem e entram em declínio os impérios. Ávido por respostas, analisou, entre outras questões, a guerra, assunto ao qual dedica o Capítulo XXXVII do Livro Terceiro, livro este que trata “das dinastias, do califado, da ordem de dignidades no sultanato – indicação de tudo o que ali se passa de notável - princípios fundamentais e desenvolvimento.” O capítulo tem onze páginas (no oceano de 1.113 páginas da obra em seu conjunto) e leva o título: “Sobre a guerra e os usos militares de diversos povos”.

Em primeiro lugar, Ibn Jaldún constata que “as guerras e os combates de toda espécie nunca deixaram de acontecer entre os homens, desde que Deus os criou”. Sendo assim, chega à conclusão de que “a guerra é coisa natural ao homem, nenhuma raça, nenhum povo, está a salvo dela”. E a origem da guerra, qual seria? “Esses conflitos originam-se do desejo de alguns indivíduos de vingar-se de outros”, sentencia Ibn Jaldun.<sup>iv</sup>

Entre os diversos conflitos, o historiador se debruça, em particular, no estudo daquele que se instala dentro do poder: a luta de interesses entre as camadas privilegiadas e as subalternas e entre os diferentes grupos que detêm o poder. Os exemplos que toma para suas análises surgem do cenário que conhece melhor, não só por sua erudição, mas por sua experiência de diplomata e homem de ação: os que se dão ao interior do império árabe-muçulmano.

É interessante assinalar que não há na obra uma análise das Cruzadas, apesar de o autor fazer avaliações dos confrontos com outros povos que ameaçaram ou conquistaram partes do império árabe-islâmico, como os mongóis.

Ibn Jaldún vê no desejo de vingança a origem do conflito e procura entender quais são as motivações por trás dele. Diz ele:

“O desejo de vingança tem por motivo geralmente **a rivalidade de interesses e a inveja**, ou bem o **espírito de agressão**, ou bem **a cólera que induz a castigar os inimigos de Deus e de sua religião**, ou bem ainda aquela que se experimenta quando se trata de **defender o reino e procurar a sua consolidação.**”

Geralmente, diz Ibn Jaldún,

“é o primeiro motivo (rivalidade de interesses e inveja) que faz com que comece uma guerra entre tribos vizinhas. O segundo motivo, isto é, o espírito de agressão, existe sobretudo nos povos semi-selvagens que vivem nos desertos, como os árabes, os turcos, os turcomanos, os curdos e outros grupos similares. Povos que têm feito de suas armas a sua forma de ganhar a vida e do furto o modo de subsistir. Por isso declaram a guerra a quem queira que deseje defender os seus pertences. Seu objetivo não vá além do botim; não pretendem conquistar medalhas nem fundar um império; sua única preocupação, sua máxima meta é o saqueio. O terceiro motivo (a cólera que induz a castigar os inimigos de Deus e de sua religião) dá lugar ao que a lei chama de *jihad* (OBS: mal traduzido, em geral, por *guerra santa*)<sup>v</sup>. O quarto motivo (defender o reino e procurar a sua consolidação) conduz o governo a combater os insurrectos contra seu regime, do qual se recusam a reconhecer a autoridade. Das quatro espécies de guerras, as duas primeiras carecem de sentido e são perversas; as duas últimas são justas e santas.”

Depois de fazer esta distinção entre as diferentes formas de guerra, Ibn Jaldún descreve as táticas e formações militares utilizadas na guerra, fazendo uma reflexão sobre a forma de combate adotada nos primórdios do Islã, que levou os guerreiros muçulmanos a numerosas e rápidas vitórias. Eis a sua descrição:

“Os árabes e a maioria dos povos nômades, que têm por costume combater segundo o sistema de acometer e correr procuram um ponto de apoio formando uma linha ou barreira com seus camelos e outros animais de carga que transportam suas mulheres e filhos. Chamam essa espécie de entrincheiramento de *majbuda*. Todos esses povos procedem dessa forma na guerra, a fim de assegurar-se uma defesa contra os ataques dos inimigos e uma proteção contra as surpresas e as derrotas. Isso é um fato bem comprovado. As soberanias da nossa época têm descuidado totalmente esta medida, para adotar a da retaguarda formada por bestas de carga que transportam as tendas e a bagagem. Isso não pode ser equivalente a uma linha de elefantes ou de camelos e por essa razão, as tropas vêm-se expostas à derrota e, durante o combate, estão tentadas sempre pela idéia da fuga.”

Mais adiante, Ibn Jaldún assinala que a tática da *majbuda* foi sendo substituída, " em conseqüência do luxo que foi invadindo o império". "As coisas aconteceram da seguinte forma", diz:

“Enquanto o povo manteve seus costumes da vida nômade, vivia em tendas, possuía muitos camelos e os homens moravam nos campos com as suas mulheres e crianças. Mas, quando degustaram os privilégios que traz consigo o fato de possuir-se um império, e renunciaram à vida do deserto para desfrutar dos palácios e residir em cidades, esqueceram o uso dos camelos e o perambular sobre eles com suas famílias; por isso optaram por deixarem as mulheres e as crianças quando saíam em uma expedição, e cedendo à influencia da opulência e do poderio que tinham adquirido, adotaram o uso das tendas de campanha e pavilhões. Em relação às bestas de carga, limitaram-se às que eram necessárias para o transporte de suas bagagens e tendas. E com esses animais formavam uma linha de apoio quando empenhados em um combate. Um entrincheiramento deste tipo não é, no entanto, de

grande utilidade, porque não impulsiona as tropas a combaterem até a morte como o fariam se detrás dessas linhas de apoio se encontrassem as suas famílias e pertences. Por isso, em caso de alarme, abandonariam as suas fileiras sem grande resistência e se dispersariam.”

Ibn Jaldún avalia essa mudança nas táticas militares dos árabes, como sendo consequência da influência – negativa, aos seus olhos - dos doces encantos do poder. A fraqueza que em decorrência disso tomou conta das tropas muçulmanas, fez com que “os reis do Magreb tomassem ao seu serviço e admitissem em suas milícias corpos europeus (*ifrandj*).” Esta é uma das poucas menções que Ibn Jaldún faz aos europeus, que aparecem assim, só na condição de mercenários a serviço dos reis do norte da África, por sinal, os mesmos que dominaram *Al Andalus*. Eis a explicação do autor sobre as consequências militares da presença de milícias européias nos exércitos muçulmanos:

“Para esses reis significava muita vantagem, em favor de seu próprio interesse, instalar na retaguarda de seus efetivos uma forte linha de apoio que pudesse servir de proteção aos combatentes. Para formar essa linha era preciso empregar elementos habituados a manter-se firmes no campo de batalha, do contrário, esse corpo recuaria (...) Se cedessem terreno, o sultão e todas as tropas seriam arrastados à derrota. Portanto, os soberanos magrebies tiveram necessidade de incluir um corpo acostumado a combater a pé firme, e o escolheram entre os europeus. Para integrar o círculo de soldados que os rodeia (durante o combate) tomaram-no, também, de tropas desta raça. Isto significa, naturalmente, valer-se dos infiéis; mas os príncipes não viam nisso motivo de reprimenda; eram obrigados a isso - tal e como acabamos de explicar ao leitor -, pelo temor de ver o corpo que os serve empreender a fuga. No campo de batalha, os francos (europeus) mantêm-se firmes, essa é a sua única consigna, pois foram exercitados para combaterem em linha. Por isso constituem as tropas mais sólidas de todos os povos.”

Nesta altura, Ibn Jaldún esclarece sob que circunstâncias os corpos mercenários cristãos são utilizados nos combates:

"Porém, os reis magrebies só os utilizam contra os árabes e os bereberes que querem submeter a sua obediência; abstêm-se de servir-se deles nas guerras contra os cristãos, prevenindo-se da possibilidade dessas tropas auxiliares se entenderem com o inimigo e traíssem os muçulmanos. He aqui o que se pratica no Magreb nos nossos dias."

Para Ibn Jaldún "nunca é possível ter a certeza da vitória numa guerra". Ela depende da sorte e do acaso, e ainda do que ele chama de "fatores visíveis e invisíveis". Os fatores visíveis, diz o autor, "são os efetivos militares e seu considerável número, seu equipamento adequado, a excelência do armamento, a multidão de guerreiros valentes, a organização da batalha, e coisas dessa índole". Quanto o que chama de *fatores ocultos*, formam, na sua opinião, duas categorias.

"A primeira consiste em táticas de guerra, boatos propalados com perfídia, com o objetivo de semear o desconcerto nas fileiras do adversário, calúnias que se difundem para causar a desunião do inimigo (...) Poderíamos acrescentar outros meios, se fosse necessário. A segunda categoria consiste em coisas celestiais das quais o homem não poderia dispor e que, atingindo os corações, os enchem de terror, e daí resulta que os combatentes abandonam as suas posições em retirada desordenada."

O autor fecha o capítulo com uma reflexão sobre um tema que lhe é muito caro e que ele aborda ao longo de todo o livro: a importância na vida de uma sociedade do que ele chama de *asabiya*, isto é, os laços de solidariedade que unem um grupo humano determinado,

levando-o a agir com uma força, unidade e determinação que não teria sem esse ingrediente fundamental na análise jalduniana.

“Se dois exércitos são mais ou menos iguais em número e disposição, e em um existe uma *asabiya* comum, predominante, e, no outro, há vários partidos, com suas respectivas *asabiyas*, o exército dominado pela *asabiya* comum será sem dúvida o mais poderoso dos dois e terá maiores possibilidades de vencer. Em efeito, em uma força militar integrada por vários partidos, não pode haver uma verdadeira solidariedade; as deserções mantêm-se latentes de igual maneira que entre indivíduos de interesses diferentes não costuma acontecer o apoio mútuo.”

---

<sup>i i</sup> ABDESSELEM, Ahmed, *Ibn Jaldún y sus lectores*, Fondo de Cultura Económica, México, 1987, Prefacio de André Miquel, pp 9

<sup>ii ii</sup> LACOSTE, Ives, *El nacimiento del Tercer Mundo*, Ibn Jaldún, Barcelona, Ediciones Península, 1971, PP 225-226

<sup>iii iii</sup> LOMBA Fuentes, Joaquín. *La raíz semítica de lo europeo*, Ediciones Akal, Madrid, 1997

<sup>iv iv</sup> IBN JALDUN *Introducción a la Historia Universal (Al-Muqaddimah)*, Fondo de Cultura Económica, Ciudad de México, 1987, pp493

<sup>v v</sup> Um dos princípios do Islamismo é o conceito de *yihad*. Esta palavra árabe deve ser entendida como ‘o máximo esforço’ de uma pessoa para conseguir um objetivo determinado, religioso, no caso, sendo em geral uma luta contra qualquer coisa que não seja boa. Tradicionalmente, existem dois tipos de *yihad*: o maior e o menor. O *yihad* maior, conhecido também como *yihad al-nafs*, é entendido como uma luta interna, individual e espiritual, contra o vício, a paixão e a ignorância. Essa luta contra nossas baixas qualidades, é a verdadeira “Grande Guerra Santa”, porque os inimigos externos podem desaparecer, e não são tão perigosos como as forças internas que tratam de incitar o homem ao mal, à desobediência, ao esquecimento. O *yihad* menor tem o sentido de guerra santa contra os territórios ou súditos considerados infiéis ou não muçulmanos.

Ambos possuem significado legal e doutrinal, pois são prescritos pelo Corão e os *hadiths*, palavras e ações atribuídos ao profeta Mohammed (Maomé), aos que se concede uma condição semelhante à da revelação. Tradicionalmente, a lei muçulmana divide o mundo em dois: *dar al-islam* (morada do islã) e *dar al-harb* (morada da guerra), ou seja, o lugar onde rege a lei não-muçulmana).